

## DA REALIDADE À FICÇÃO: O CRIME PASSIONAL DE DONA GUIDINHA DO POÇO

Avanúzia Ferreira Matias  
Janicleide Vidal Maia

### Introdução

O romance *Dona Guidinha do Poço* permaneceu no anonimato durante muitos anos, uma vez que sua escrita do romance foi iniciada por volta de 1891 e somente em 1951, após a morte do seu autor, a obra foi editada e publicada.

A história é ambientada em Quixeramobim, lugar onde Oliveira Paiva se deparou com a história verídica de uma mulher que mandara assassinar seu marido. A partir desse relato, o autor escreve o romance *Dona Guidinha do Poço*, no qual narra um crime passional, que, conforme Bezerra (2006), trata-se de uma temática transgressora para os padrões da época. A inovação do romance se deve também ao fato de trazer para a cena central a figura feminina, que substitui a imagem romântica do sertanejo pela imagem de uma mulher bravia e voluntariosa (BEZERRA, 2006).

De acordo com Bosi (1994), a vivacidade do contexto cultural da seca e do cangaço permitiram virem à luz alguns romances regionais, dentre os quais se destaca o romance *Dona Guidinha do poço*, de Oliveira Paiva.

É interessante compreender o romance como um documento histórico pelo qual se faz o registro de costumes, da cultura e do comportamento das pessoas em determinada época, ao mesmo tempo em que nos ajuda a entender e a manter a memória da sociedade. *Dona Guidinha do poço* é uma relevante fonte de informação para retratar a vida na zona rural, lugar onde os grandes proprietários de terras (coronéis) eram considerados figuras públicas, com grande influência na região e, muitas vezes, temidos pelos mais humildes. Evidenciam-se, por meio da obra, os traços ideológicos que permitem ao leitor fazer uma leitura reflexiva dos fatos e da realidade nela retratados.

## Autor, vida e obra

Manuel de Oliveira Paiva nasceu em Fortaleza, mas viveu boa parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde faleceu com apenas 31 anos de idade no ano de 1892. Na juventude, frequentou o Seminário Episcopal e seguiu a carreira militar, embora por pouco tempo, uma vez que problemas de saúde o fizeram abandoná-la.

Em relação à sua vida literária, podemos destacar a criação da Revista *A cruzada*, em que Oliveira Paiva publicou seu primeiro folhetim, intitulado *Tal filha, tal esposa* (1882). O autor publicou, ainda, versos e pequenas composições.

Oliveira Paiva também seguiu carreira jornalística no jornal *Liberador*, no qual também publicou boa parte de sua produção literária, incluindo o romance *A afilhada* (1889).

Em 1886, Oliveira Paiva participou da fundação do Clube Literário na capital cearense. Ele também colaborou, com crônicas e contos, com a revista literária *A Quinzena*.

Em síntese, a produção literária de Oliveira Paiva reúne as seguintes obras:

Folhetos:

*Zabelinha* ou *A tacha maldita* (1883), *Vinte e cinco de março* (1884)

Folhetins:

*Tal filha, tal esposa* (1882), *Dois túmulos* (1884), *A afilhada* (1889)

Obras póstumas:

*Dona Guidinha do Poço* (1952), *A Afilhada* – edição em livro (1961), *Contos* – publicados pela Academia Cearense de Letras (1976)

Numa época em que assistia-se ao declínio do Nordeste, destacaram-se na literatura cearense os autores Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo, Antônio Sales e Oliveira Paiva, que é considerado por Alfredo Bosi o melhor escritor do grupo. Segundo Bosi (1994, p. 196), Oliveira Paiva se destacou por ser um “prosador terso, que sabia descrever e narrar com mão certa e intervir no momento azado com talhos irônicos de inteligência fina e crítica”.

## ***Dona Guidinha do Poço: a imbricação entre o real e o ficcional***

Escrito num contexto social em que as irregularidades das chuvas marcavam o cenário do sertão nordestino, e o Ceará colonial apresentava a escassez de uma agricultura abundante, o livro *Dona Guidinha do Poço* retrata esse estágio de tensão entre a sociedade cearense e as questões climáticas que marcavam a natureza do semiárido.

Bezerra (2006) caracteriza a obra como sendo um romance “fora do lugar”, por considerar que a narrativa transita entre o Naturalismo e o Regionalismo. Já Alfredo Bosi, ao abordar este trabalho literário, se refere a ele como um romance naturalista de inspiração regionalista.

Desse modo, de inspiração regional e fisionomia literária bem marcada, de acordo com Pordeus (2004, p. 13), o romance, revela essa imbricação entre o real e o ficcional. Para o crítico “de todo não era o tema versado obra ficcionista, mas história romanceada de um triste fato, há cem anos, ocorrido naquele município, assim como de Quixeramobim eram ainda as principais personagens de que se serviu o autor”.

Ademais, Bezerra (2006) cita Gustavo Barroso, que, no artigo *A verdadeira Dona Guidinha do Poço*, publicado na Revista O Cruzeiro em 1956, estabelece relações dialógicas entre o romance e a história real de Marica Lessa – rica fazendeira da cidade de Quixeramobim, presa pelo assassinato do marido –, conforme transcrição dos três primeiros parágrafos do referido artigo:

Na última década do século passado, entre os tipos populares da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, minha terra natal, andava uma velha desgrehada, farrapenta e suja, que a molecada perseguia com chufas, a que ela replicava com os piores impropérios deste mundo. Vi-a muitas vezes na minha meninice, ruas abaixo e acima, carregando uma sacola cheia de trapos, enfurecida, quando os garotos gritavam:

– Olha a mulher que matou o marido! A gente adulta chamava-lhe a Velha Lessa. Tinha terminado de cumprir sua pena na cadeia pública e andava assim de léu em léu, sem teto e sem destino, como um resto de naufrágio açoitado pelo mar. Sua figura acurvada e encanecida me impressionava, mas naquele descuidoso tempo, longe estava eu de supor que contemplava na mendiga semitrôpega a figura central duma tragédia real e dum romance destinado a certa

celebridade literária. O romance é o de Manoel de Oliveira Paiva, escritor cearense nascido em 1861 e falecido em 1892, seminarista, cadete, abolicionista, jornalista e funcionário público: “Dona Guidinha do Poço”. Essa obra de ficção teve duas edições póstumas, a 1ª na “Revista Brasileira” do Rio de Janeiro, em 1899, a 2ª mais recente, logrando grande êxito e pondo em foco a personalidade esquecida do romancista da terra de José de Alencar (...). O que até recentemente se não sabia sobre esse livro notável é que não passa de uma história romanceada com a maior fidelidade possível aos elementos humanos, sociais e paisagísticos da realidade. O romance narra simplesmente, com nomes e topônimos diversos, o crime cometido pela Velha Lessa, a mulher que matou o marido, da molecada fortalezense de há mais de meio século. Fez essa identificação interessantíssima com exaustiva documentação na imprensa da capital do Ceará o ilustre historiador Ismael Pordeus, sem favor, um dos maiores pesquisadores dos arquivos e documentários da terra do sol.

Confirmando o dialogismo entre o literário e o real, em 1963, Ismael Pordeus, renomado historiador cearense, publica o livro *À margem de Dona Guidinha do Poço*, valioso documento histórico no qual atesta ser o romance de Oliveira Paiva baseado em fatos reais desencadeados nas circunstâncias de um crime passional ocorrido na cidade de Quixeramobim, no Ceará.

Seguindo a lógica de Bakhtin (1992, p. 109), a verdade não é encontrada diretamente no meio, entre a tese e a antítese, ela “manifesta uma idêntica recusa tanto da tese como da antítese e constitui uma síntese dialética”. De acordo com o autor, não há enunciação pura, o que há de fato é uma interação entre o que já foi enunciado e o que está sendo enunciado. Nessa perspectiva, não basta compreender uma enunciação, tampouco afirmar que ela é um ato subjetivo. É preciso compreender que qualquer enunciação mantém um diálogo com outras enunciações, de outros enunciadores. Portanto, o dialogismo é o princípio constitutivo da obra, é a condição para dar sentido ao enunciado.

Barros (1994, p. 3) afirma que “a persuasão e a interpretação envolvem sistemas de valores, do enunciador e do enunciatário, que, como afirma Bakhtin, participam da construção dialógica do sentido”. Nos fatos narrados por Oliveira Paiva em *Dona Guidinha do poço* essa concepção é

extremamente utilizada, pela representatividade de fatos reais sob a perspectiva literária. Devemos entender os acontecimentos narrados como um mecanismo de exposição de eventos que evidenciam manifestação de poder, meio pelo qual uma emblemática família dona de grande propriedade rural atesta seu prestígio econômico e social. No mesmo contexto, dá-se ao leitor a possibilidade de refletir acerca de seus valores e dos valores do enunciador com o propósito de construir o sentido dialógico do assunto de forma que prevaleça a racionalidade.

De acordo com algumas reflexões de Bakhtin sobre o pensamento, a consciência individual é construída a partir da interação, por isso o universo cultural também terá grande influência para essa construção, pois, dialogicamente, através da elaboração de enunciados e fazendo-se ouvir em diferentes contextos, a comunicação certamente proporcionará aos interlocutores a composição de relações que confirmarão ou questionarão o já dito e possibilitarão acrescentar o ainda não dito, pois se trata de um conjunto de fatores que constrói a cultura e a história social como um grande e infinito diálogo.

Para Fiorin (2008, p. 27), a teoria de Bakhtin leva em conta as vozes sociais e as vozes individuais, o que possibilita que as relações dialógicas sejam examinadas sob o olhar filosófico, político, estético, econômico, mas também como fenômeno da fala cotidiana. Contudo, os conceitos de social e de individual não são simples nem estanques, pois as pessoas quase sempre opinam socialmente. Por outro lado, “os enunciados não se dirigem tão somente a um destinatário imediato, mas também a um superdestinatário cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva”.

Sendo assim, o que nos interessa na ideia de dialogicidade é a possibilidade de interpretar os enunciados de acordo com as relações que eles têm uns com os outros, estando em contato direto ou não, estando separados pelo tempo, pelo espaço, pela cultura etc.

## O dialogismo entre o crime passionnal de Marica Lessa e Dona Guidinha

De acordo com Pordeus (2004), Maria Francisca de Paula Lessa, também conhecida por Marica Lessa ou Marica de Abreu, era uma mulher rica e da alta sociedade, filha de um dos mais importantes fazendeiros de Quixeramobim daqueles tempos.

Marica Lessa planejou o assassinato do próprio marido, Coronel Domingos d'Abreu e Vasconcelos, homem pacato e bem-sucedido que se tornou conhecido nos sertões de Quixeramobim após ter se casado com a filha do Capitão-mor José dos Santos Lessa.

O Coronel Abreu morreu em sua própria casa, localizada no coração da cidade. A autoria do assassinato é atribuída a um escravo seu, conhecido por Carumbé, que realizou o crime a mando da própria esposa, Marica Lessa, no dia 20 de setembro de 1853.

Coronel Abreu era natural de Pernambuco. O casamento com Marica Lessa ou Marica de Abreu o transformou em um rico fazendeiro no Ceará, admirado e respeitado por todos os moradores da cercania. Quando percebeu uma estranha relação entre sua esposa e seu sobrinho, Senhorinho Antônio da Silva Pereira, tratou de deixar a fazenda e passou a morar na Vila de Campo Maior de Quixeramobim. Essa atitude foi provocada pelos fortes indícios de que sua mulher estava tendo uma relação amorosa com Senhorinho.

Mesmo morando na Vila, o coronel Abreu sentia que estava em perigo, uma vez que conhecia o gênio de sua esposa e sabia que ela guardava rancor e, por essa razão, seria capaz de mandar assassiná-lo. Por isso viajou para Fortaleza, onde pediu garantias de vida às autoridades, de quem obteve ajuda para custodiar seus passos em Quixeramobim.

Quando retornou à Vila, passou a ser seguido de perto por um dos soldados ali destacados. Mesmo assim, poucos dias depois de seu regresso à região, foi apunhalado pelas costas em sua própria casa, e o autor do delito foi seu afilhado e agregado, conhecido pela alcunha de Curumbé, que, minutos antes havia chegado lá e solicitado a bênção do padrinho.

Uma velha escrava gritou por socorro. Rapidamente veio o vigário da Freguesia, que “retirou a arma homicida ainda cravada no ombro

esquerdo da vítima, ouvindo, então, esta mencionar, algumas vezes, o nome do seu assassino. (PORDEUS, 2004, p. 43).

Ao ser preso, o assassino foi levado à presença das autoridades locais, para quem confessou o crime com desembaraço e cinismo; narrou sua perversa ação, acrescentando ter agido a mando da sua madrinha, Marica de Abreu, esposa do coronel Abreu.

Após a prisão e confissão do assassino, o delegado dirigiu-se à fazenda Canafístula, onde residia a mulher do coronel. Marica de Abreu duvidava que pudesse ser presa, pois acreditava que seu dinheiro, sua influência e sua prepotência a fariam se livrar da prisão. A acusada achava que as pessoas fariam com ela o mesmo que faziam com seu pai, Capitão-mor José dos Santos Lessa. Quando ele dava ordens, o povo cumpria, devido ao alto cargo que exercia na Vila.

De acordo com registros locais, Marica de Abreu teria sido condenada a 30 anos de prisão e teria vivido os últimos anos de sua vida na mais extrema miséria, contando com a solidariedade das pessoas pelas ruas de Fortaleza.

No romance de Oliveira Paiva, Dona Margarida Reginaldo de Oliveira era a primeira neta do imigrante português Reginaldo Venceslau de Oliveira. A ela coube como herança a fazenda Poço da Moita, localizada na ribeira do Curimataú, afluente do Jaguaribe.

Dona Margarida, conhecida como Guidinha ou Guida, casou-se com o Major Joaquim Damião de Barros, natural de Pernambuco, um homem pacífico e tranquilo. De acordo com a trama, Dona Guidinha planejou a morte do marido porque estava apaixonada pelo sobrinho dele, Luís Secundino de Sousa Barros.

Desconfiado de que a mulher estava envolvida com seu sobrinho, o Major Quimquim (assim era chamado) resolve colocá-lo para fora da fazenda e entregá-lo à polícia. Depois que foi expulso da fazenda, Secundino desapareceu e ficou apenas na lembrança de Guidinha. Rancorosa, ela contratou um assassino da região para matar o marido, mas o homem desistiu de última hora e, sem alternativa, ela pediu para Naiú (filho de um empregado e seu afilhado) para efetivar o serviço.

Naiú foi até à Vila, lugar onde o padrinho estava morando e, em um momento de distração deste, cravou-lhe um punhal no pescoço. Foi o vigário quem retirou o punhal do pescoço do major.

Assim que Naiú foi preso, admitiu o crime e revelou o nome da mandante. Guidinha, detida, foi conduzida à prisão sob as vaias da multidão. Nestas circunstâncias, perdeu a confiança de toda a população da vila, porém, mesmo presa, continuou demonstrando todo o seu jeito superior, sua aura pomposa, como se não fosse ficar ali por muito tempo. Isso se devia ao fato de ela ter uma forte imagem matriarcal e poderosa, vista em toda a trama.

Uma obra de profundidade psicológica e sociológica, Dona Guidinha do Poço apresenta relações de poder que ocorrem em um tempo e em um espaço determinados. A personagem principal tem a função de apresentar características reais de uma mulher que não aceitou a submissão e isso provocou uma desaprovação por parte da sociedade da época, tendo em vista que o povo, influenciado por uma cultura preconceituosa e desigual, apoiava um único perfil feminino a ser seguido, o qual exigia da mulher docilidade, submissão e pureza.

O crime recebeu maior repercussão porque foi cometido por uma mulher. A impressão que se tem é que se o marido tivesse matado a esposa, seria menos agressivo do que a mulher mandar matar o esposo. Os jornais da época noticiaram o acontecimento em tom de condenação, transformando o crime da “mulher que mandou matar o marido” em um escândalo apavorante, mesmo em uma província marcada pelo cotidiano de assassinatos e espancamentos.

De acordo com Braga Júnior (2014, p. 181), Dona Guidinha do Poço é uma anti-heroína, e sua história, ao mesmo tempo que choca a sociedade de sua época, traz suas marcas de valores desejados e comportamentos esperados.



## **A sexualidade, o gênero feminino e as relações de poder evidenciados em *Dona Guidinha do Poço***

Segundo Giddens (1993), ao longo dos séculos, os homens têm sido considerados como o gênero que necessita de variedade sexual para a sua saúde física. Antes de casar, era aceitável seu envolvimento sexual com algumas mulheres. Após o matrimônio, o relacionamento duplo era um fenômeno real e, em certa medida, compreensível. Entretanto, um único ato de adultério por parte da esposa, segundo Stone (1990, p. 7), era “uma violação imperdoável da lei da propriedade e da ideia de descendência hereditária”. A descoberta de tal ato ocasionava consequências severas para a mulher, com fins punitivos. Contrariamente, em relação aos maridos, esta era “uma fraqueza lamentável, mas compreensível” (STONE, 1990, p. 7).

Segundo Stearns (2010), durante o período de colonização, era comum que os colonizadores tivessem filhos ilegítimos com as nativas. Isso ajudou a difundir a incidência de sexo fora do casamento, com impactos culturais em toda a América Latina, incluindo, é claro, o Brasil. Como o modelo de família era tipicamente patriarcal, ao homem era dado o direito de trair e ser perdoado, uma vez que detinha o poder econômico e garantia o sustento da família. A mulher não, esta jamais seria perdoada, era necessário que ela pagasse o preço da traição, algo muito sórdido para uma dona de casa.

De acordo com Giddens (1993), no século XIX, estudos sobre o sexo desencadearam discussões sobre as relações de poder. Uma delas dizia respeito às mulheres. No mesmo instante em que a sexualidade feminina é reconhecida, imediatamente, é também reprimida, pois consideram-na uma patologia da histeria.

Foucault (1987) menciona que a sexualidade no período vitoriano (período da história da Inglaterra em que a rainha Vitória I governou – entre 1837 e 1901) era um segredo, porém um segredo aberto, discutido de forma incessante em vários textos e em diversas fontes médicas. Mas seria um grande erro acreditar que o sexo era amplamente representado, analisado ou avaliado em fontes acessíveis à massa do público. O aprisionamento da sexualidade às áreas técnicas de discussão era uma estratégia

para censurar o fato. Tal censura atingia sensivelmente mais as mulheres do que os homens. Muitas jovens casavam-se sem antes ter nenhum contato com o noivo, inclusive sem ter qualquer conhecimento sobre sexo, exceto o de que este era um ato relacionado aos impulsos dos homens, portanto, deveriam ser suportados.

A cultura sexual, os valores e as crenças aplicados à sexualidade modificam os comportamentos afetivos que, por sua vez, desencadeiam a predisposição para o adultério, dependendo do tipo de relação e das condições sociais.

No caso de Dona Guidinha, a traição representou a materialidade da mudança no comportamento sexual da mulher da sociedade ocidental após a primeira revolução sexual, como uma reação aos ditames do período vitoriano.

Para Braga Júnior (2014), o conflito decorrente do autoritarismo de Guida em oposição à amabilidade do marido, elemento visível na obra de Oliveira Paiva, fortaleceram as transgressões dos papéis do homem e da mulher. Segundo o autor, outro traço na personalidade de Guida que recebe a atenção de Oliveira Paiva é a sexualidade. Em uma das passagens é evidente a pulsão sexual da personagem:

Os mancebos, que freqüentavam a casa, freqüentavam-na sem dúvida por causa da moça, por via de ser ela muito de liberalidades [liberdades], muito amiga de agradar, não poupando nem mesmo as pequenas carícias que uma donzela senhora de si pode conceder sem prejuízo da sua física inteireza. (PAIVA, 1952, p.21).

Na descrição atribuída à Guidinha, consta que ela era feia e sem atrativos físicos, porém isso não impedia que os homens cedessem às suas vontades. No romance, o vigário descreve essa atração dos homens pela moça como alguma forma de feitiçaria, ao que Oliveira Paiva, acrescenta: “Margarida era muitíssimo do seu sexo, mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas, e muito fêmeas. Mas aquilo tinha artes do Capioto” (PAIVA, 1952, p.21). Esta é a prova de que Dona Guidinha

sempre foi transgressora, uma mulher firme, decidida, encorajada por ela mesma a buscar sua satisfação sexual.

Animalizando a conduta de Guida frente ao que se esperava dela, Oliveira Paiva deixa claro sua preocupação em criticar aquela que transgredia. Esse comportamento do autor reforça o ideal “positivo” de feminilidade que se espera de uma mulher.

### **Considerações finais**

Em *Dona Guidinha do Poço* as formas discursivas se engendram de modo a revelar uma paisagem sertaneja menos subjetiva, na qual o contexto sócio-econômico e político são revelados por meio de abordagens que abrangem as relações de poder subjacentes ao matrimônio.

Pelo enredo, percebe-se que existem certos padrões a seguir, e alguns comportamentos são extremamente renegados à figura feminina, a exemplo da libertinagem, da sexualidade, da traição. Por esse comportamento transgressor, Guidinha pagou um preço caro, pois ficou sendo a única responsável pelo assassinato do marido. Além de perder a altivez diante da população da região, perdeu também seus bens e sua sanidade, e terminou seus dias na miséria e no abandono.

E assim, de forma inesperada, encerra-se a trajetória de uma mulher que foi transgressora por seus comportamentos, por seus amores, e que foi punida por ter se desviado do padrão de comportamento feminino esperado. Para a sociedade da época (e porque não também as das épocas posteriores) a maior das transgressões foi, sem dúvida, provocar a morte do marido. Guidinha carregou, por isso, em si, até o fim de seus dias, a mácula de ter infringido as estruturas discursivas referentes ao papel do homem e da mulher.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucutec, 1992.

BARROS, Diana P. de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In BARROS, D. P. de. e FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

Bosi, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Editora Cultrix, São Paulo, 1994.

**Literatura brasileira II**. Disponível em:

<http://literaturabrasileiraii.blogspot.com.br/2007/09/d-guidinha-do-poço-oliveira-paiva.html> Acesso em: 27/04/2017.

BRAGA JÚNIOR, Walter de C. Entre história e literatura: revisitando dona guidinha do poço. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014. pp. 172-183.

BEZERRA, Marta Célia Feitosa. **Dona Guidinha**: o poço dos desejos. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação. João Pessoa, 2006.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II**. O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Edições Saraiva, 1952.

PORDEUS, Ismael. **À margem de Dona Guidinha do Poço**: história romanceada – história documentada. Edição fac-similar (1963). Fortaleza. Museu do Ceará, 2004.

STEARNS, Peter N. **História da sexualidade**. Trad. Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

STONE, Lawrence. **The road to divorce, England 1530-1987**. Oxford: Oxford University Press, 1990.